Apresentação

Arte: Júlia Pigossi Oliveira Silva.
Bricolagem de imagens da pandemia publicadas em reportagens de domínio público.

Abordar o tema da pandemia, hoje, é uma obrigação de todos nós, sejamos pesquisadores, profissionais de diferentes áreas, estudantes em formação ou qualquer outra pessoa. Estamos sendo afetados, e muito, pela pandemia. Igualmente, somos todos responsáveis pelo enfrentamento dos problemas que estamos atravessando. O novo coronavírus acabou se revelando como um grande analisador do nosso tempo. É um acontecimento que se converterá, seguramente, em um marco histórico. Será o divisor de um tempo pré SARS-CoV-2, um tempo pandêmico e um tempo pós-pandemia. Como um gigantesco meteoro, ele adentrou o mundo e provocou impactos consideráveis na economia, na política, na cultura, na saúde, na educação, nos modos de vida, no cotidiano, nos relacionamentos sociais e afetivos, enfim, nada escapou à sua presença.

A rapidez e a extensão de sua propagação mostraram o quanto vivemos em um mundo superconectado, com intensa movimentação de pessoas, capital, mercadorias, relacionamentos e afetos. Nessa superconexão, diferentemente do que pensam os conservadores, é necessário fortalecer e expandir os laços afetivos entre nós bem como democratizar a discussão sobre os dispositivos de governança nacional e

internacional. Foi pensando nessa expansão que esta Edição Especial, denominada "Pandemia e Psicologia Social: conexões" ganhou forma. Articulado por docentes de três Programas de Pós-graduação em Psicologia, vinculados à Universidade Estadual de Maringá (UEM), Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Universidade Estadual Paulista (UNESP), sua versão inicial foi realizada por um amplo diálogo, em formato de evento-disciplina, que aconteceu entre os meses de setembro e novembro de 2020. O evento-disciplina contou com a participação de docentes e discentes, da graduação e da Pós-graduação em Psicologia e áreas afins de diferentes estados de nosso país (Alagoas, Bahia, Mato Grosso, Paraná, Piauí e São Paulo), interessados em compreender criticamente os efeitos do acontecimento SARS-CoV-2 em nós e nas nossas práticas em Psicologia.

O que constatamos nas discussões realizadas foi que o efeito surpresa da SARS-CoV-2 colocou em cena que nossa vida e nosso mundo são imprevisíveis e marcados pela incerteza e insegurança. Além disso, constatamos que vivemos em um mundo frágil e que suas estruturas básicas são precárias. Tanto que um "simples" vírus foi capaz de colocar abaixo e de neutralizar toda a ordem constituída e todo arsenal tecnológico de organização social.

A SARS-CoV-2 mostrou, ainda, que a capacidade de destruição do ser humano é maior do que suas práticas de preservação da vida. Os equipamentos e organizações de guerra são mobilizados e agem instantaneamente em qualquer canto do planeta. Enquanto aqueles ligados à saúde, educação, segurança alimentar e outros são completamente ineptos, como ficou evidente na dificuldade (ou nulidade) operacional da Organização Mundial da Saúde (OMS) e de algumas ações governamentais.

A convivência estreita e intensa das pessoas, confinadas em suas residências pela quarentena e pelo distanciamento social, mostrou o quanto a presença do outro pode ser bem quista ou extremamente perigosa, como foi possível observar, por exemplo, no aumento do índice de violência doméstica e nas inúmeras desavenças entre parceiros e familiares que vivem sob um mesmo teto.

O desconhecimento que ainda se tem sobre o novo coronavírus produziu, também, uma sensação compartilhada de desamparo e pânico muito bem instrumentalizada por psicopolíticas que se valeram do negacionismo, da paranoia e da perversão para a implementação ou fortalecimento de governos autoritários, fascistas e genocidas. Isso intensificou os números de casos e óbitos por SARS-CoV-2 que, certamente, poderiam ter sido evitados com intervenções precisas de defesa e proteção da vida.

Contudo, ao mesmo tempo, a pandemia está nos convocando a rever o papel da ciência, antes em descrédito e franco desprestígio por ataques de forças conservadoras e governamentais. Ela recolocou em pauta a necessidade de construção de um modelo de relações internacionais alicerçado na cooperação e não em um paradigma de competição desvairado que opõe e torna adversários os diferentes povos e países. Além disso, está colocando em cena tantos outros problemas até então silenciados ou negligenciados.

Assim, lançar em pleno cenário pandêmico as discussões do evento-disciplina e, agora, esta Edição

Especial, deixa evidente que o desafio que temos pela frente não é tão somente o de criar a vacina e vencer o vírus por tratamentos específicos. Mas sim, criar espécies de "vacinas relacionais", muito mais difíceis de serem desenvolvidas, para superar os problemas que vieram à tona, com todo vigor: a truculência, a insensatez, o cinismo descarado, o tipo de economia (desumana) que comanda o mundo, o retorno do fascismo e do autoritarismo, a fragilidade das organizações internacionais frente ao poder dos Estados Imperialistas, a precariedade dos relacionamentos e vínculos psicossociais, o assujeitamento e tantos outros.

Convidamos os leitores a conhecer nossas análises e acolher o desafio que temos pela frente: encontrar saídas múltiplas para os problemas emergenciais e vislumbrar caminhos para a construção de um mundo melhor. O evento-disciplina bem como esta Edição Especial se propôs a isso: uma modesta tentativa de contribuição com o enfrentamento de tais desafios. Contamos com a participação de vocês, por meio da leitura e da disseminação dessas análises, na luta pela transformação que já está anunciada.

GUILHERME ELIAS DA SILVA (UEM)*
JOSÉ STERZA JUSTO (UNESP)**
SONIA REGINA VARGAS MANSANO (UEL)***

* **GUILHERME ELIAS DA SILVA** é docente do curso de graduação em Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

** **JOSÉ STERZA JUSTO** é docente do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP - Assis).

*** **SONIA REGINA VARGAS MANSANO** é docente do Programa de Pós-graduação em Administração, do Programa de Pós-graduação em Psicologia e do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade Estadual de Londrina. Bolsista Produtividade do CNPq - 2.